

A (im)personalidade no discurso acadêmico: o desvio marcado pelo sintoma

Tania Regina Taschetto (UFSM)*

Resumo: Buscamos na noção de *afânise* [do não-aparente] em psicanálise compreender a representação do sujeito no círculo acadêmico: com quem dialoga, quem/como se legitima ou é legitimado, a partir da análise de sua nomeação em um corpus composto de textos de projetos de dissertação¹ da área de Letras. Nossa experiência deu-se na análise do sujeito do discurso acadêmico por ser um ato de linguagem altamente monitorado pelo sujeito, uma vez que desse monitoramento depende sua inscrição como discurso autorizado pelos pares do círculo onde busca sua inserção – a Academia.

Palavras-chave: sujeito; discurso acadêmico; heterogeneidade; nomeação.

A partir de discussões resultantes de trabalho realizado (TASCETTO, 2002) para avaliar se a presença do sujeito no discurso acadêmico se mostra explícita ou se se apaga ao seguir as convenções ditas científicas (CORACINI, 1991), mostramos que o sujeito do discurso acadêmico faz uma escolha consciente dos recursos linguísticos disponibilizados pela língua. Esta escolha se dá por substituição por resistência; ou seja, o sujeito nomeia-se buscando apagar-se diante de seu objeto, ou da coisa-que-ele-representa [a pesquisa, os resultados, a metodologia, etc.], não constituindo mera escolha sintática, mas uma escolha que se dá conforme seu entendimento de quando pode ser aceito pelos seus pares na Academia. Com isto, o sujeito ora esconde-se, ora desvela-se, revelando-se *eu* através de recursos linguísticos [voz passiva, modalizadores de autoridade, pronome *se*, etc.]: é o dizer marcado no desvio, ora discreto, ora incisivo, ora anulado como fazendo falta a si mesmo. É um sujeito com características psicológicas melhor apreendidas na exterioridade linguística, naquilo que falta na língua e que é possível de se encontrar na alíngua. É um sujeito que, inscrevendo-se e instaurando-se a cada enunciação, controla sua subjetividade, serenando as relações de poder nesta instância discursiva – a Academia.

* Professora do Departamento de Letras Clássicas, Filologia e Linguísticas da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: taniataschetto@gmail.com

¹ Os textos do corpus são projetos de dissertação da área de Estudos Linguísticos e Literários, defendidos no PPGL/UFSM, doravante nomeados como *Projeto*.

Na discussão sobre a inserção do sujeito na Academia, podemos avaliar a forma como o sujeito se nomeia, buscando respeitar as regras que, de algum modo, privilegiam a busca pelo acesso e não sua tomada; isto é, respeitando o *jogo de vaidades*, uma espécie de monopólio da autoridade científica², que se estabelece veladamente, mostrando-se submisso para poder subverter. Isto porque a Academia não é uma entidade concreta que se pode derrubar/tomar com um golpe; é uma entidade que se reveste de poder e, como tal, engendra relações que institucionalizam seu discurso de autoridade. A comunidade científica revela-se como um pequeno mundo bem estruturado, “uma confraria onde os indivíduos se reconhecem como membros de um mesmo grupo” (FOUREZ, 1995, p. 93). No dizer de Kuhn (1997 [1970], p. 219), “comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” e é este paradigma que une cientistas em torno de uma comunidade e que dita as regras determinando um referencial comum. Aqueles que são aceitos como cientistas são considerados possuidores de conhecimentos específicos, úteis e passíveis de reprodução. É, assim, uma atividade coletiva que produz suas normas, seus enunciados, os instrumentos que respondem a seus problemas. Esta atividade “une os cientistas e lhes permite trabalharem juntos” (STENGERS, 1992, p. 14). Não é, portanto, “um grupo neutro e desinteressado” (GRANGER, 1994, p. 47).

No entanto, o discurso da ciência, mesmo reivindicando a objetividade, a neutralidade e a monotonia, pode ser avaliado como usando recursos de qualquer outra retórica: “o eu dessa escolha nasce em outro lugar que não aquele em que o discurso se enuncia, precisamente naquele que o escuta” (LACAN, 1998, p. 906). Há um discurso do *outro* dissimulado no do *eu*. O sujeito que deseja inscrever-se numa dada instância enunciativa deve saber atravessar o confronto entre os dois discursos. No discurso acadêmico, esse atravessamento acontece no instante em que o sujeito nomeia-se sem desvelar-se; ou seja, o sujeito vela-se fazendo emergir o *outro* – o *parceiro da Academia*. Este é um movimento circular entre o sujeito e o outro, do sujeito chamando o outro fazendo aparecer a si mesmo no campo do outro. É um movimento de *fading* (LACAN, 1979 [1964]) do sujeito – seu desaparecimento da experiência concreta cedendo seu lugar para seu objeto. O sujeito aparece no outro que ele representa que tem por efeito a *afânise* do sujeito (Ibid.).

Para a psicanálise, o *sintoma* é um fenômeno subjetivo que constitui não o sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente. Lacan apresenta o sintoma como o que vai no sentido de um desejo de reconhecimento, mas esse desejo permanece excluído, recalcado

² Expressão usada por Bourdieu em *Le champ scientifique* (1976), citado por Maingueneau (1997 [1987], p. 57).

(CHEMAMA, 1995). No discurso acadêmico, o sujeito desliza subvertendo a norma, no desejo de ser reconhecido, autorizado; porém, o desejo de inclusão o coloca como necessário à norma e então ele desaparece. Na verdade, o sujeito vela-se para poder revelar-se; isto é, quanto mais o sujeito se esconde nas marcas linguísticas avalizadas pela Academia, mais ele se desvela enquanto produtor de discurso. O sujeito simula o sentimento da vergonha: quando é preciso nomear-se, desaparece. Porém, quanto mais o sujeito esconde-se, mais ele se revela. Como diz Lacan (1964), há divisão do sujeito quando ele aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *façing*, como desaparecimento. Isto revela a não-unicidade do sujeito: o sujeito só se torna sujeito em presença do outro. Assim, no discurso acadêmico quando o sujeito parte de sua experiência pessoal, se apresenta como *eu*; porém, quando quer inserir sua nova pesquisa, discutir uma nova abordagem, construir um novo conhecimento, ele desaparece e busca o *outro*, que transparece através de marcas linguísticas. E procede dessa maneira porque é voz do senso-comum que, para a Academia, interessa os instrumentos que respondem a seus problemas, uma vez que o sujeito “deixa de ser um sujeito-para-si para ser um sujeito-para-os-objectos” (SANTOS, 1995 [1989], p. 14).

Neste trabalho, entendemos, com Orlandi & Guimarães (1988), que o discurso é uma dispersão de textos³ e o texto uma dispersão do sujeito. Portanto, o *Projeto* como texto deve estar em conformidade com os objetivos da pesquisa, bem como com os do pesquisador; o *Projeto*, como discurso, define sua identidade em relação a outro. Portanto, o *Projeto*, enquanto meio de divulgação do discurso acadêmico, deve ter sua identidade atribuída à norma, manifestada não só no tipo de linguagem exigido, mas também no formato que assume.

Assim, sua apresentação segue a formalização de acordo com a área específica de atuação do pesquisador, em concordância com as normas ditas pela agência de fomento, em consonância com o órgão ou a instituição para a qual o pesquisador está se candidatando para desenvolver seu projeto.

As partes que compõem um projeto devem estar, preferencialmente, bem demarcadas, seguindo o estilo em forma de seções assim designadas: Introdução, Justificativa, Objetivos (geral e específicos), Revisão Teórica ou de Bibliografia, Metodologia e Corpus, Cronograma e Orçamento⁴. A

³ “O discurso não é um conjunto de textos, é uma *prática*” (ORLANDI; GUIMARÃES, 1988, p. 18).

⁴ Exigido principalmente quando o pesquisador solicitar auxílio financeiro a alguma agência de fomento à pesquisa.

terminologia adotada e uma possível subdivisão das partes⁵ podem variar conforme a área de inserção do projeto, seja Ciências Humanas ou Exatas.

Como cada uma das partes aponta para situações específicas, o pesquisador deve sujeitar-se à forma textual exigida. No entanto, ele pode nomear-se enquanto *eu* na Introdução e na Justificativa, sem que cause estranheza a seus pares. Na Introdução, ao apresentar a problemática e as hipóteses que irão nortear o andamento da pesquisa, o pesquisador fala de sua experiência pessoal em relação ao tema, como surgiu e em que esse tema pode mudar ou influenciar sua trajetória e a de outros pesquisadores, podendo já adiantar alguma inovação para a sua área de inserção. Na Justificativa, podem ser apresentadas razões de cunho pessoal ou institucional; assim, também, o pesquisador pode nomear-se, ao apontar seus motivos pessoais. Tanto a Introdução quanto a Justificativa permitem uma forma de nomeação de caráter mais subjetivo porque se caracterizam pela colocação do tema/problema/hipóteses norteadores e suas relações, em torno das quais são construídos os argumentos que sustentam a elaboração e a execução do *Projeto*.

A Revisão de Bibliografia e a Metodologia, por serem capítulos que dão suporte teórico ao *Projeto*, normalmente estão alicerçados no *tu-outro*⁶: é conveniente que o pesquisador apresente os outros pesquisadores, que já têm alguma experiência em pesquisa e no tema a ser desenvolvido, para dar sustentação à sua própria pesquisa. Assim, estas seções se caracterizam pelo uso de uma linguagem mais objetiva, fazendo com que o sujeito atenuar sua presença no ato de nomeação.

Pode-se dizer, a partir disto, que a própria estrutura do *Projeto* permite ao sujeito um movimento de deslize na sua forma de nomeação, ora usando uma linguagem mais subjetiva ora mais objetiva.

O *Projeto* insere-se num gênero discursivo - acadêmico ou científico -, mesmo que ainda não tenha esse caráter definitivamente marcado, uma vez que não apresenta resultados de pesquisa científica, nem mesmo discussão de teorias ou metodologias para desenvolver pesquisa. Ainda assim, o texto deve seguir as normas formais de escrita acadêmica que privilegiam o estilo objetivo, neutro, dito isento, uma espécie de ritual que deve ser seguido no momento da redação.

Os pesquisadores, então, apresentam-se, procurando esconder-se enquanto sujeitos agentes do processo discursivo, mascarando sua presença num estilo universalmente aceito por seus pares. Sabe-se, no entanto, que o sujeito, mesmo não explicitamente mostrado, está presente através do uso de uma sintaxe que manipula com o intuito de melhor alcançar seus objetivos.

⁵ Como, por exemplo, Materiais e Métodos, Descrição dos Sujeitos da Pesquisa, etc.

⁶ *Tu-outro* refere-se ao outro da Academia com quem o sujeito dialoga quando busca sua inserção.

Acreditamos que, com a constante tomada de posição dos pesquisadores da área das Ciências Humanas, com a quebra e a transformação de paradigmas, revolucionando as estruturas científicas, é cada vez mais reconhecido seu valor enquanto área científica, mesmo que seus resultados sejam efetivamente mais subjetivos.

Do lugar de enunciação de onde falam os pesquisadores do *Projeto* enquanto ato de linguagem, definindo seu estatuto, manifesta-se um locutor que, para falar de si, ora invade polifonicamente as diferentes instâncias interlocutoras, ora apaga-se linguisticamente enquanto instância enunciativa, ocultando-se sob a máscara do referente. A imagem que esse locutor projeta de si é a de uma figura que oscila entre (a) um sujeito que ousa dizer *eu*; (b) um sujeito contido nos limites da *verdade*, que deve despojar-se de qualquer traço de subjetividade para que seu fazer ou dizer se invista do estatuto de uma fala competente, legitimada pela instituição; e (c) um sujeito a movimentar-se em direção a um interlocutor, buscando seu envolvimento e sua persuasão, mesmo que de forma difusa ou velada.

É nesse sentido que, de um *eu* diluído num *nós* ambivalente, o locutor desliza formalmente para um *ele* [o *Projeto*] de cuja perspectiva se enuncia. Um é o locutor ou sujeito da enunciação que se responsabilizaria pelos conteúdos postos, marcando sua heterogeneidade; o outro representaria o Sujeito dito universal, sujeito da ciência, ou que se considera como tal na busca da homogeneidade. No entanto, é neste desaparecimento do sujeito em busca da homogeneidade que mais ele se marca como heterogêneo, já que revela sua não-unicidade.

Observaremos, a seguir, os deslizamentos de nomeação na enunciação de dois sujeitos do nosso corpus. A escolha deu-se por um sujeito que ousou quebrar a norma e nomear-se em primeira pessoa e por outro sujeito que segue os padrões formais de redação para o texto acadêmico, apresentando-se velado no uso dos recursos linguísticos avalizados pela *confraria* acadêmica.

Ressaltamos que o sujeito é ensinado para seguir as normas, para não aparecer como produtor do discurso, dando lugar a seu objeto de estudo, seus procedimentos de análise, os resultados obtidos. Portanto, já era esperado que, no nosso corpus, os sujeitos, em sua maioria, nomear-se-iam a partir da norma, o que caracteriza uma regularidade que possibilita prever e compreender o comportamento do sujeito. Regularidade que, por ser uma convenção, por si só é suficiente para justificar a manutenção da norma, inclui e/ou exclui os membros em seu círculo. Em suma, parece que o novo e, não somente a conformidade à norma, ainda não configura um lugar de constituição para o sujeito do discurso acadêmico.

Para destacar, então, o jogo de esconde-esconde do sujeito, precisamos buscá-lo no deslizamento de sua nomeação, onde o conflito, inconsciente ou não, transparece. E o buscamos não apenas em recortes isolados, mas nas diversas seções do *Projeto*. Com isto, podemos melhor perceber onde e em que momento ele mais aparece e por que acredita que possa aparecer.

Exemplos do corpus:

(1a) No curso de graduação (...) [uso do *eu* na apresentação da pesquisa anterior →] **busquei** (...) realizar um estudo (...) e para **minha** formação (...). **analisei** o funcionamento discursivo de livros didáticos ... [deslizamento para sujeito não-pessoa →] **Essa pesquisa justificou-se** pelo fato deste discurso também exercer influências ... [novo deslizamento para o *eu* →] Com isso, **busquei** subsídios para a discussão dos discursos ... [metodologia empregada na primeira pesquisa →] Para tal, o referencial teórico **daquela pesquisa pautou-se** em ... A partir desse referencial, **foi realizada uma análise discursiva** ... [resultados obtidos com a primeira pesquisa →] Através da análise (...) **pude** verificar que ... [justificativa para uma nova pesquisa →] A partir disso, **essa pesquisa desafiou-me** a avançar no estudo (...) que **considero** ser de grande relevância ... [dialogando com os pares →] Em situações que **tive oportunidade** de discutir esta pesquisa com profissionais da área (...) um questionamento era recorrente ... [modaliza quando toma para si o questionamento do outro →] **Este questionamento mostra-se pertinente** ... [soma-se ao outro para concluir →] Nesse sentido, **podemos dizer** que no momento em que o discurso ... [modaliza e busca a norma na apresentação da nova pesquisa →] Em função disso, **mostra-se pertinente** analisarmos traços discursivos ... A partir disso, **é pertinente afirmar** que toda leitura tem ... Nesse sentido, não **podemos** entender a leitura como ... **Podemos** entender que ... A partir das reflexões sobre leitura e sentido, **pode-se salientar** que a relevância deste trabalho está em buscar ... Para que **possamos** efetivar este estudo, **esta pesquisa será pautada** em ... (S1: Introdução)

(1b) ... Quando **remetemo-nos** a texto, não **estamos remetendo-nos** apenas ... Mas o **entendemos** como ... Para **a análise do corpus serão feitos** recortes discursivos ... **Vale salientar** que o **trabalho será realizado** através de recortes discursivos ... Tendo em conta essas reflexões, o **corpus dessa pesquisa constituir-se-á** do discurso de um livro didático ... Uma das **etapas do trabalho constituir-se-á** na análise do livro ... Nesse sentido, **mostra-se pertinente** à análise **elencarmos** marcas formais que permitam uma leitura ... **Essa opção justifica-se** pois ... **O que se busca identificar** nesta pesquisa é

como esse interlocutor é representado ... Para isso **é pertinente** resgatar como sua voz está presente ... (S1: Metodologia)

(1c) ... **Concebemos** a escola como um *locus* privilegiado para a produção do conhecimento. **Entendemos** que essa produção não se dá de forma estanque ... O discurso pedagógico, **segundo Orlandi** (1996), se apresenta como ... **Para Grigoletto** (1996), certamente, uma das formas de disseminação do poder ... [segue a inserção de outros autores] [finalização →] Como já **referenciamos, para que se efetive** o estudo do discurso pedagógico (...) **a análise não pode pautar-se** em elementos puramente linguísticos. **É preciso dar conta** da heterogeneidade ... (S1: Revisão de Literatura)

Como se pode observar, o sujeito (S1) desliza em vários momentos na Introdução de seu *Projeto*, colocando-se ora como centro do discurso, ora atenuando sua presença para dialogar com outro pesquisador, ora desaparecendo, cedendo lugar à norma linguística, ora modalizando suas asserções. Esse deslizamento é determinado por sua experiência, quando acredita ter autoridade para apresentar-se; quando não, retoma o questionamento do outro, modaliza-o e apresenta sua nova pesquisa. Quando apresenta os procedimentos metodológicos, desaparece, escondendo-se, desta vez atrás da própria pesquisa – o sujeito não-pessoa. A partir do que tem como experiência teórica [“reflexões sobre leitura e sentido”], argumenta na direção de uma justificativa para seu próprio trabalho [“pode-se salientar a relevância deste trabalho”]. Ressalte-se aqui que o sujeito (S1) não apresenta uma seção denominada Justificativa, argumentando em favor de seu *Projeto* já na Introdução.

Na Metodologia, por se tratar da apresentação da teoria de suporte ou dos procedimentos analíticos, o sujeito utiliza uma linguagem mais adequada ao jargão acadêmico. Acreditamos que o rigor da norma é mais contundente na Metodologia por se tratar de uma seção que está mais próxima da *verdade*; ou seja, onde o sujeito vai colocar em exposição toda sua honestidade e isenção no tratamento do objeto. Por isto, em (1b), o sujeito (S1) apenas insinua sua presença usando o pronome *nós* para depois deslizar para a objetividade, com o pronome *se*.

Em (1c), o comportamento do sujeito (S1) não surpreende, uma vez que na Revisão de Literatura o esperado é apenas um levantamento do que já existe sobre o tema a ser tratado, muitas vezes sem engajamento do pesquisador, uma vez que, no diálogo com os outros pesquisadores, sua voz deve ser atenuada, pois não tem, ainda, legitimidade para apresentar-se ao círculo.

Analisando a posição que o sujeito (S1) assume, mostrada nos recortes de diferentes seções do *Projeto*, percebemos confirmarem-se nossas hipóteses no deslizamento de sua nomeação. A subjetividade surge de forma insidiosa, aos poucos, sem causar estranheza aos pares, porque surge no momento de valorizar uma experiência prévia.

A seguir, trazemos o segundo exemplo, com a nomeação do sujeito (S5):

(2a) [generalização →] Quando **se fala** em Literatura Comparada ou Estudos Comparatistas, sempre **se pensa** na relação dialógica ... muito raramente, **cogita-se** a possibilidade de que esta dialogia possa **estabelecer-se** entre (...). [justificativa para seu tema →] Tal fato é intrigante, uma vez que (...) como **salienta Levy** ... [apresentação do tema de pesquisa →] Em vista disso, **o presente trabalho propõe** a análise comparatista (...) Esta proposta de trabalho **se deve** ao crescente interesse (...) bem como à carência de estudos ... Para dar sustentação à análise (...) **será adotada** a Teoria Funcionalista. ... Considerando as orientações metodológicas da referida Teoria, bem como a profundidade que **se pretende** alcançar com este estudo, a análise **deter-se-á** fundamentalmente em ... (S5: Introdução)

(2b) [justificativa a partir de lacunas existentes →] Quando **se pensa** em estudos de tradução no Brasil (...) fica evidente a lacuna entre o que se produz (...) e o que **se divulga** ... Assim, os estudos acadêmicos ficam restritos ... Infelizmente, **sabe-se** que essas concepções se propagam ... **Sabe-se**, também, que o primeiro tipo de crítica ... [justificativa para novos estudos →] **É necessário**, então, que **se incentivem** os estudos acadêmicos na área, para que **se amplie** o senso comum (...) **este projeto objetiva** a comparação de um texto ... [justificativa com a posição de outros pesquisadores →] Abordando a amplitude de análise que **se pode alcançar** através dos estudos comparatistas, Anthony Thorlby (...) argumenta que ... **Tais afirmações parecem dar sustentação à proposta deste estudo**. Embora o objetivo, ao propor um estudo comparatista, não seja estabelecer padrões de julgamento (...) **acredita-se** que tal recurso constitui uma metodologia ... [argumentos finais para justificar sua pesquisa →] Dentro dessa perspectiva, o processo de tradução **será analisado** ... buscando identificar elementos ... Não bastasse toda a pertinência teórica deste estudo, **poder-se-ia mencionar** o crescente interesse que tem despertado ... Por isso também **pensa-se** avançar em termos de pesquisa (...) (S5: Justificativa)

(2c) Para efetivar o trabalho proposto por este estudo, **foram elaborados** quadros que compararão ... Também **foi elaborado** um segundo **quadro** que

analisará ... Assim, **serão relacionados** os valores pragmáticos ... **Observe-se**, por exemplo, a análise ... **Ao analisar-se** as alterações verbais **percebem-se** mudanças ... (S5: Metodologia)

(2d) [generalizações →] ... Ao longo dos tempos o tema fidelidade vem instigando ... Muito **já se teorizou** sobre o assunto ... [inserção de autores de suporte →] **Devem ser destacados** os esforços (...) [segue-se uma exposição sobre questões de tradução e sobre a teoria que dará suporte à análise] [finalização →] **Para o êxito deste trabalho, é pertinente lembrar** que a boa tradução é aquela que ... (S5: Marco Teórico)

Podemos observar algumas semelhanças no procedimento enunciativo do sujeito (S5) em relação à enunciação de (S1). A diferença está em que (S5) não se nomeia em primeira pessoa como (S1) o faz. Parece, porém, ficar evidente que seu desaparecimento acentua a sua constituição como não-um, como que impondo a presença do outro.

O que também pode ser notado contrastando (S1) e (S5) é a força argumentativa. Enquanto (S1) sustenta sua argumentação na sua prática, chegando a ousar quebrar o padrão nomeando-se em primeira pessoa, (S5) joga um jogo persuasivo que envolve o outro da Academia como aliado. Constantemente, busca argumentos no preestabelecido, naquilo que faz parte do conhecimento da comunidade acadêmica [“Tais afirmações parecem dar sustentação à proposta deste estudo”]. O argumento, de cunho mais institucional do que pessoal, parece ser inquestionável [“não bastasse toda a pertinência teórica deste estudo ...”]. Assim, entendemos que o desaparecimento do sujeito (S5) tende a produzir um efeito de autoridade maior do que o de (S1), uma vez que apresenta para a Academia aquilo que ela mesmo espera de seus membros.

No Quadro 1, podemos perceber o movimento dos sujeitos (S1) e (S5) no seu ato de nomeação.

Quadro 1 - Movimento de nomeação dos sujeitos (S1) e (S5)

Seção do <i>projeto</i>	Ato de nomeação	Movimento de deslizamento/ <i>fading</i>
Introdução	Ênfase em experiência anterior	Uso da primeira pessoa, uso do <i>nós</i> majestático ou de modalizadores
Metodologia	Ênfase nos procedimentos em lugar produtor do discurso	Uso mais intenso de formas linguísticas menos subjetivas: voz passiva, sujeito não-pessoa, sujeito indeterminado
Revisão de literatura	Diálogo com outros pesquisadores	Uso de citações, referências ou alusões: discurso citado

O quadro mostra, então, o deslizamento dos dois sujeitos no seu ato de nomeação. Em cada seção do *Projeto*, seu ato enunciativo apresenta um argumento que se sustenta em um lugar diferenciado, enfatizando ora sua experiência anterior, ora os procedimentos, ora o diálogo com o outro através do discurso citado. A cada momento de seleção de um recurso linguístico, o sujeito apresenta-se ou desaparece conforme seu entendimento do que lhe facilita o acesso ao círculo acadêmico.

Este quadro pode ser entendido também como uma síntese do ato de nomeação do sujeito do discurso acadêmico. Neste deslizamento, o sujeito traz o interlocutor para a trama enunciativa para juntos dialogarem, mostrando que a heterogeneidade é constitutiva do discurso – mesmo acadêmico. E, principalmente que o discurso acadêmico tem um sujeito, presente por sua ausência, como diz Pêcheux (1995 [1975]).

Referências

- CHEMAMA, R. (org.). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.
- CORACINI, M. J. F. R. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: EDUC; Campinas SP: Pontes, 1991.
- FOUREZ, G. **A construção das ciências**. Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.
- GRANGER, G.-G. **A ciência e as ciências**. São Paulo: UNESP, 1994.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997 [1970]. (edição com posfácio).
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **O seminário**. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979 [1964].
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997 [1987].
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. Unidade e dispersão: uma questão de texto e do sujeito. In: ORLANDI, E. P. [et.al.]. **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988. (Série Cadernos PUC 31).
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995 [1975].
- SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Porto: Afrontamento, 1995 [1989].
- STENGERS, I. **La volonté de faire science: à propos de la psychanalyse**. Paris: Synthéalabo, 1992. (Collection Les empêcheurs de penser en rond).
- TASCHETTO, T. R. **A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2002.